

## **Kyudo: Os arcos e as flechas que atravessam o tempo desde os Samurais a modernidade e sua prática no Brasil**

### **Introdução**

Este texto tratará da prática do Kyudo ou do arqueirismo japonês tradicional que possui influência do Bushido ou do código de honra dos Samurais. Ao longo de sua história, em virtude das transformações políticas e sociais que sofreu o Japão, ele foi se estilizando e ganhando novas simbologias, além de incorporar em toda sua prática vários elementos da espiritualidade do zen-budismo e do xintoísmo. Assim busco descrever como estes aspectos se incorporam na própria aprendizagem técnica do Kyudo visto como um caminho de autoconhecimento e que tem por valores máximos o respeito, a disciplina, a concentração, a sinceridade. Este breve estudo em processo de construção como parte da dissertação de mestrado que se inicia na área de antropologia sugere algumas linhas para reflexão e discussões teóricas de como a mistura entre os valores do guerreiro e da espiritualidade durante a prática do arco e flecha gerou uma série de etiquetas e rituais refletidas na aprendizagem do Kyudoteka. Entre as mais importantes está a relação a da constante busca da beleza gestual que nos cerimoniais dos tiros integram movimentos dos indivíduos no conjunto do grupo de arqueiros gerando uma espécie de coreografia e teatro.

O Kyudo começa a se espalhar em vários lugares do mundo e do Brasil (Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Fortaleza, Vitória e João Pessoa). No caso de João Pessoa, Paraíba, sua prática data a partir de 2013 e se tornou a primeira cidade do nordeste a ter contato com este tipo de atividade. Contudo a introjeção dos valores fundamentais do Kyudo entre seus praticantes não é tão simples e envolve uma série de relações com diferentes aspectos da cultura japonesa e da brasileira. Se esse problema é amenizado entre aqueles que já têm uma história nas tradições das artes marciais ele se torna um ponto nevrálgico para os iniciantes que o confundem de modo geral com uma prática esportiva. Mesmo no Japão existem praticantes que a veem como um ramo do arqueirismo desportivo. Este texto tenta problematizar esta prática e refletir sobre como seu processo histórico foi construído. Reflete de que forma é possível conciliar esta prática que se fundamenta na forma e rituais da tradição japonesa e em seus três aspectos: equilíbrio do corpo, da mente e do arco com a perspectiva das práticas corporais esportivas voltadas para o rendimento e para técnicas considerando mais os aspectos individuais que o coletivo.

## **Os Primeiros contatos e impressões sobre o Kyudo**

São quase 6 horas da manhã e me dirijo a Unipê, uma universidade particular de João Pessoa onde são dadas pela manhã as aulas de Kyudo. Estou indo pela primeira vez e tenho pouca ou quase nenhuma informação sobre este tipo de arqueirismos japoneses. Por que decidi então fazer esta prática? A resposta me remete ao livro Zen e a arte cavalheiresca do arqueiro zen de Eugen Herrigel que li lá pelos meus vinte e poucos anos. Passados mais de 20 anos vou ao encontro desta arte que para os japoneses não se confunde com esporte. Mas será que já estou pronta para ela?

Neste centro universitário, esta atividade é dada como extensão aos seus alunos de forma gratuita e os alunos de fora pagam uma taxa simbólica. A responsável pela atividade em, 2014, quando comecei a fazer era a professora de japonês da Associação cultural Brasil-Japão, Maiko Hiramoto, voluntária do convenio com a JICA ( Japan International Cooperation of Agency) que orientava a aprendizagem junto com seus monitores). Ela tendo o 2º dan nesta tomou a iniciativa de começar esta prática na cidade. Foi por seu empenho que sua a prefeitura de sua cidade japonesa presenteou o grupo de Kyudo com 8 arcos e 2 pares de luvas, e um conjunto de flechas em um total de quase 50. Contudo, a JICA por questões de segurança não a autorizava a dar estas aulas por não fazer parte do acordo já que ela veio para ministrar as aulas de japonês na escola japonesa da associação (nihongakkô).

Mesmo com estes problemas, a atividade do Kyudo começou em meados de 2013 na própria sede da Associação japonesa. Ali, mesmo sem os arcos as aulas começaram e eram ensinados os aspectos básicos da atividade. Todos os exercícios eram executados com um pequeno arco feito de borracha e preso a um cabo de martelo ou madeira ou cano de PVC. Com um interesse crescente entre os primeiros alunos que já praticavam o Kendo e o Iai, alguns deles viraram monitor como Roberto Mendes e Agnes Pauli. Foi feito então uma parceria informal entre a Unipê e a Associação e a partir de fevereiro de 2014 e as aulas passaram a ser dadas no campo de futebol desta universidade e depois aos sábados na sala de ginástica desta instituição.

Quando fui à primeira aula o grupo tinha umas doze pessoas. Para o horário era um grupo relativamente grande. As aulas eram divididas em três fases: na primeira eram feitos os rituais de saudação que inclui o Rei, o inclinar do tronco em direção kamisa que se situa no Jorki (lugar de honra do dojô) ou ao norte. Em seguida se faz a

meditação de joelhos (Mokuso) e a terceira parte se começa então a prática de atividade física que envolve o arqueirismos: alongamento, exercícios de condicionamento e os exercícios básicos para o Hassetzu.

As coisas, no entanto, eram feitas de forma que cada aluno também associasse esta prática a valores e a aspectos do arqueirismos tradicional do Japão que começou a ser desenvolvida a partir do período Meiji, no século XVI e vai até o começo da II Guerra Mundial.

Três aspectos são destaques dentro da cultura japonesa que estão relacionadas à prática do Kyudo: a. a importância das etiquetas que o relacionadas à obediência e respeito à hierarquia; b. a valorização da ordem e da sinceridade e c. a busca do autoconhecimento pela disciplina e a valorização da honra.

Na ordenação dos alunos, no pedido de licença para entrar no espaço que será o nosso dojô, na forma silenciosa de se praticar os exercícios, a atenção em cada movimento que deve ser feito de forma lenta, na aprendizagem das palavras em japonês que vão dirigir os movimentos e, sobretudo no desenvolvimento da concentração. Estes aspectos não são adereços, mas fazem parte da própria formação dos alunos que praticam o Kyudo.

Para se compreender o Kyudo e sua relação com o xintoísmo, budismo e o zen budismo, sua relação com a tradição do guerreiro samurai é que situarei esta arte dentro das práticas que buscam associar artes corporais ao processo de autoconhecimento. Mas será que os alunos do Kyudo de João Pessoa procuram esta modalidade com este interesse de auto aperfeiçoamento pessoal? Ou será que associam o arqueirismos a mais uma opção de uma modalidade esportiva?

João Pessoa foi a primeira capital nordestina a ter esta modalidade. Agora em 2016, Fortaleza criou seu polo de prática. No Brasil, esta pratica tem adeptos e associações já mais estruturados no Rio de Janeiro, no Clube Municipal da Tijuca, em Brasília, no Clube do Exército, no Espírito Santo em Vitória, no Rio Grande do Sul em Porto Alegre e em São Paulo capital.

De qualquer forma, antes de responder estas questões que envolvem complexidades no que se refere a vivências e traços de diferentes culturas traçarei o percurso do arqueirismos japonês e seus aspectos mais relevantes que o faz cada dia mais ganhar adeptos não só no Brasil como no mundo.

## O “Dô” do Kyudo, de onde vem e como nos lança a uma concepção de espaço como o dojô ou Kyudojô ?

O Dojô é literalmente o campo de batalha da vida, um "campo de vida e de morte". A única diferença que existe entre ele e o campo de batalha de uma guerra é que no Dojô quem está sendo treinado pode morrer muitas vezes seguidas e ficar vivo para contabilizar essas mortes como experiências que favorecem o seu desenvolvimento nos caminhos e, eventualmente, capacitam-no a transcender a vida e a morte (Jackson Morisawa,p.91)

O “do” nos fala sobre uma direção, um caminho ou uma orientação. O dojo é o lugar demarcado onde irá ocorrer esta aprendizagem. Palavra de origem budista que significa o lugar onde se buscará o caminho. O Kyudo pode ser traduzido para o português como o caminho do arco. Caminho que não separa espiritualidade do corpo em movimento. O arco, neste caso é o instrumento do desenvolvimento espiritual ou de uma interioridade. Esta interioridade, no entanto, precisa que se aprenda dentro do coletivo e sendo assim o Kyudo vai ser composto de cerimônias e ritos. Torna-se importante então se distinguir o *Kyudo* do *Kyujutsu* que é a prática do arqueirismo como uma luta ou para disciplina militar.

Quando recentemente comecei a estudar japonês e o *Haragana*, uma das suas escritas básicas, me fascinou o cuidado que se tem de ter com cada traço que é feito. Uma ligeira modificação em um pequeno traço pode levar a se ter outra palavra daquela que se buscava anteriormente. Pensei, então, o quanto a alfabetização para a aprendizagem do Kyudo remete a este cuidado inicial com os pequenos detalhes. Tirar os sapatos antes de se adentrar no gramado do campo onde fazíamos a prática de manhã cedo era sempre uma redescoberta da delícia de se pisar em uma grama úmida, de sentir o chão, de ligar corpo e terra. Com este pequeno gesto, ampliava de alguma forma minha percepção ou o sentido do tato. Esta prática não ocorre apenas no dojô. É uma prática que ocorre em todas as casas japonesas quando se tira o sapato da rua antes de entrar ou quando se faz uma reverência no lugar no qual se adentra. Reverência que implica uma permissão, um respeito a... De acordo com Watanabe (2016) presidente atual da Associação cultural Brasil-Japão, os japoneses aprendem desde cedo a serem muito respeitosos com os lugares e a praticar a cortesia. Não são invasivos e tendem a mesmo em uma loja fazer uma reverência pedindo permissão a entrar e também são recebidos com boas-vindas.

Se o campo de futebol da Unipê era o nosso dojô ou Kyudo dojô, duas vezes por semana, de manhã cedo era ali que estes cuidados eram ensinados. Havia sempre um

ritual: tirar os sapatos, fazer reverência para entrar no campo, e manter uma atitude de silêncio e respeito para com todos. No dojô não são tolerados palavras agressivas, desrespeitos. Muitas vezes, quando o dojô se situa em um lugar fechado, como, por exemplo, a sala de ginástica artística da Unipê. Não é incomum que antes de se iniciar a aula se varra o dojô não só para limpá-lo, mas, sobretudo, como uma forma de se afastar do ambiente anterior de onde viemos e se preparar para se adentrar em outro campo de atividade, neste caso o Kyudo. De modo geral, quando adentramos o dojô, já retiramos todos os objetos que carregamos, mas que não são adequados à prática do Kyudo: pulseira, anéis, brincos de argolas, relógios, cordões etc.

Dentro do dojô também estará o lugar chamado de Kamisa. O termo *Kami* no Japão significa algo superior ou divino e que exige profundo respeito. Nele fica o símbolo do Kyudo, a bandeira de João Pessoa ou do Japão e o manual do Kyudo. Os três elementos significam: conhecimento, respeito à cidade e a arte que se pratica. Este lugar é afastado das portas e se situa ao norte. Quando entramos no dojô e nos perfilamos para o começo da aula, fazemos uma saudação se virando para o kamisa. Esta saudação é feita com uma pequena inclinação da cabeça chamada de Rei (demora três segundos) seguida de um cumprimento curto o yu (demora dois segundos). Elas podem ser seguidas de palma ou não segundo ser uma tradição mais xintoísta ou não. Estas palavras estão relacionadas à cortesia que deve ser mantida durante toda a aula.

O dojo possui lugares e demarcações. O *kadama* é o lugar na parede na qual se pendura o retrato do mestre. *Joseki* é o lugar de honra que fica na parte superior do dojô onde fica o *Kamisa* e o *Sensei* de gradação mais elevada. O *shimoseki* é o lado inferior do dojô no qual se situam os alunos menos graduados. O *shimoza* é o lado contrário à parede de honra. A primeira linha na qual se situam os primeiros atiradores se chama *honza*.

Já no dojo e antes de começar os exercícios de arco é comum se praticar uma pequena meditação o Mokuto (meditar). O primeiro movimento chama Mokuso quando se fica na posição de *Seiza* (joelhos) e depois da meditação o Mokuso Yame (volta a ficar em pé, mas cumprindo determinada forma). O objetivo da meditação é limpar a mente, assim como se limpa o dojô, daquilo que não diz respeito à aula. A meditação deve ser feita no início e no fim das aulas. Este momento deve ser feito no início e no fim das aulas. O senpai (aquele que não é mestre), mas guia a aula orienta todo o processo.

No nosso dojô improvisado o (campo de futebol) começamos a praticar depois de uns quatro meses, o Matô. Este é um alvo que é fixado a 28 metros enquanto no dojô (sala de ginástica) se pratica o tiro com o Makiwara (palha enfiada), pois se atira para aprender a uma distância de um metro e meio de distância. Como este alvo foi feito pelos monitores foram usadas esteiras de palhas enroladas e presas com arames e fita plástica. Ele foi montado apoiado em um cavalete de madeira.

Como o espaço foi improvisado os alvos eram fixados em cavaletes e esperava-se acabar a irrigação do campo para começar a atirar. Já no Makiwara, também construído pelos alunos de arquitetura e engenharia do Kyudo, por se ter apenas um, o número de tiros para cada praticante é bem menor do que nos centros de práticas do Kyudo que possui um lugar específico para tal.

Talvez, o fato de às vezes se ter que sair correndo por causa da irrigação do campo entrar em funcionamento ou mesmo se ter que esperar o horário de chegada do funcionário para se ter acesso ao dojô do ginásio influenciasse para que os rituais nem sempre ocorressem à risca, além de que, de modo geral, nossas etiquetas serem bastante informais como as saudações com os tapinhas nas costas, um cumprimento com as mãos, um chamamento com gracejo. Enfim, foi fazendo o Kyudo que percebi o quanto de informalidades carregamos para dentro de nossas práticas.

Quando comecei a praticar o Kyudo em 2014 o grupo não praticava com o uso dos arcos. Todo o treinamento era feito com o gomuyumi que é uma liga de borracha presa a um cabo de martelo ou um pedaço de madeira de forma a produzir a tensão do arco. Esta demora em começar a de fato atirar afastou muitos dos alunos que pensavam que já teriam as primeiras aulas atirando. Três fatores são importantes quanto a isto: a. segurança. O Kyudo é um prática que envolve risco individual e coletivo, daí porque Maiko e os monitores eram extremamente cuidadosos com isto e as aulas eram feitas com uma margem de segurança e em um horário com pouco ou quase nenhum movimento no campo já que este era o nosso dojô; b. a disciplina e paciência são aspectos fundamentais que fazem parte da aprendizagem do arqueiro. A expressão *Hiakuren Shitoku* que quer dizer que milhares de repetição e a perfeição emerge do nosso próprio ser reflete muito da valoração destas qualidades.

Como o objetivo não é o alvo em si, mas desenvolver qualidades que ajudem ao crescimento interior, no início aprender a fazer os movimentos básicos com atenção era mais importante que praticar com o arco. O terceiro fator é que não havia arcos dos tamanhos adequados para todos os participantes e assim fazíamos revezamento.

No entanto, não eram apenas os alunos daqui que se mostram impacientes. Kushner (1985, 20) também observou isto alunos de Kyudo do ocidente que praticavam o Kyudo no Japão.

O dojô do ginásio de ginástica passou a ser a partir deste ano o nosso espaço mais contínuo de prática. O Makiwara é visto como a melhor forma de se levar o aluno a se concentrar em seus movimentos e não no alvo já que ele está muito próximo. No entanto, em todas as aulas temos que arrumar o dojô e deslocar o Makiwara de um lugar para outro devido à sala ser de certa forma “emprestada”.

Kushner (1988) observa que aprender a conservar o equilíbrio e postura no dojô mesmo após inúmeras tentativas frustradas de conseguir até manter a flecha na posição adequada é uma maneira de tentar conservar o equilíbrio nas nossas frustrações e estresse cotidiano. Saber lidar com a corda que arrebenta quando se consegue finalmente colocar a flecha na posição certa é a metáfora mais adequada para lidar com as “surpresas” dos caminhos.

## **Os movimentos que compõem o Kyudo**

Nenhum alvo de pé  
Nenhum arco estirado E a  
flecha deixa a corda: Pode  
não acertar, Mas não  
erra.

O Kyudo é composto de oito movimentos que fazem parte do Hassetzu. As formas de se fazer estes oito passos podem variar um pouco de uma escola para outra em sua técnica conforme os estilos shamen uchiokoshi e shomen uchiokoshi (desenvolvido por Honda Toshizane), mas todas farão estes oito movimentos que aparentemente simples apresentam complexidades por seus pequenos e importantes detalhes.

A prática do Kyudo vai além do simples manuseio do arco e de se acertar o alvo. Para se ter uma ideia de sua complexidade são mais de vinte anos de prática que permite uma total integração entre o arqueiro e o seu arco. Todos os movimentos são padronizados e obedecem a coordenadas de eixos paralelos ao corpo e a ritmos respiratórios.

Em nossa iniciação, estes aspectos no começo são deixados à parte para podermos pensar na postura e posição dos braços. No entanto, não há como dissociar as posturas dos eixos que são demarcados de forma paralela ao corpo. Ao todo são cinco eixos: os dos pés, os do quadril, os do abdome, ombros e cabeça. Todos formam uma cruz com o eixo vertical que parte da cabeça e vai até o meio da abertura entre os dois pés. Também a aprendizagem padronizada do Kyudo não é à-toa. Ela busca o aperfeiçoamento de um caminho. A repetição permanente de um mesmo movimento o torna mais preciso e mais do que isto se torna reflexo. Ele com o tempo passa a ser mais sentido e mais incorporado a uma forma espontânea de se movimentar. Neste sentido espontâneo aqui não é fazer de qualquer forma ou de forma livre, mas de forma padronizada, consciente e naturalizada que se traduz em uma estética da beleza e leveza.

Como o Kyudo está mergulhado nas práticas tradicionais da cultura japonesa, há semelhanças entre sua aprendizagem e a cerimônia do chá. Neste tipo de aprendizagens ritualizado o que está em jogo é a capacidade de ilimitadas vezes se repetir um mesmo gesto de forma consciente, focado conscientemente em cada ação sem se pensar em nada, além disso.

O que discorri acima é uma das dificuldades que percebi durante as aulas. De modo geral, a partir da décima repetição a maioria já apresentava enfado e começavam a parar a aula.

Passei a me perguntar, do que esta prática se diferenciava das repetições e treinamento dos esportes de alto rendimento que também repetem, repetem até a exaustão? Creio que enquanto o Kyudo busca pela repetição fazer uma modificação no processo mental que vão alterar a relação arqueiro e arcos, os esportes de alto rendimento buscam a repetição visando principalmente modificações musculares e fisiológicas que o torne mais capaz de suportar o esforço da competição. Isto não impede que no final o resultado seja também a naturalização dos movimentos de forma a atingir uma estética da perfeição. Por isto quando olho um saltador de saltos ornamentais fazer um movimento de alta complexidade na plataforma de 10 m ou mesmo no trampolim de 1 m tenho a sensação que é tão simples e fácil.

Percebo que tanto no Kyudo como no esporte de rendimento há um aspecto em comum que passa a ser o fator de exclusão de muitos: a necessidade rigorosa da disciplina e da obediência.

No início seguir de forma padronizada pequenos detalhes dá uma profunda irritação e não é incomum perguntarmos: Qual a diferença de fazer assim ou assado? Se



o objetivo é acertar o alvo, ou seja, é algo externo, talvez nenhuma diferença, mas se o objetivo é uma transformação pessoal relacionada à paciência, calma e tranquilidade, há muita diferença no domínio do ji, palavra japonesa que se refere às técnicas. Só o domínio desta por si só não diz acrescenta muito para o praticante do Kyudo que iniciou seu caminho. É preciso compreender também o Ri que dificilmente tem uma tradução para a língua portuguesa.

O Ri o associa a ideia de Strauss (1989, p 42) sobre as estruturas universais que seriam subjacentes a quaisquer representações simbólicas. Para os japoneses o domínio perfeito do Hassetzu equivale à produção de uma arte cujos componentes são formados pelo seu corpo em total harmonia e equilíbrio com o espaço, o arco, o tempo. É o estético se liberando de qualquer relação com a eficiência, mas manifestando a eficácia do gesto em provocar prazer, admiração ou a sensação magistral do gesto acabado. Como Strauss diz: a totalidade da obra figurada é apreendida num instante. Ou no outro instante em seu estudo sobre a ciência do concreto afirma sobre as técnicas: Cada uma dessas técnicas supõe séculos de observação ativa e metódica, hipóteses ousadas e controladas, a fim de rejeitá-las ou confirmá-las através de experiências incansavelmente repetidas. (1989, 29)

Kushner nos diz: O ri é imutável e não tem forma. O ri é inefável; é impossível descrever adequadamente com palavras os princípios subjacentes ao Universo. Como os princípios não têm forma, o modo pelo qual se manifestam varia de acordo com a situação. Manifestações específicas do ri também são chamadas de ji. Assim, nos Caminhos, as técnicas são vistas como manifestações específicas dos princípios subjacentes. O ji é uma materialização do ri em situações específicas, mas não o próprio ri, assim como uma determinada receita não é por si só os princípios subjacentes à arte culinária. (Kushner, 1985, 23)

Surpreendente para mim perceber que o que está em jogo é a representação de um modelo. A habilidade técnica primorosa não significa o domínio do Kyudo e nem me torna uma praticante do Kyudo. É preciso ir além. É preciso ir e buscar o gozo nas estruturas que estão no plano do estético, da fruição. É aqui que o Kyudo se difere do arqueirismos ocidental que busca o alvo, a eficiência. É aqui que ele também se difere do arqueirismos funcionalista que se enquadra em alguma necessidade seja fisiológica, caçar, ou de consumo, exibir uma posse.

Não é por acaso que dentro de um quadro de referência cultural baseado na eficiência, velocidade e consumo eu tenha visto em 2014 o abandono da prática de mais da metade dos alunos. Se começamos com doze e acabamos o semestre com seis. Claro

que posso pensar inúmeras outras razões, mas a desmotivação sem dúvida estava presente entre elas.

A seguir farei uma breve descrição dos oito movimentos: o 1º movimento é o *ashibumi*, que posiciona partir de uma abertura das pernas e dos pés o corpo de forma a buscar equilíbrio. Neste movimento o kyudoca fica em ângulo reto com o alvo; 2º movimento é o *dozukuri* que é a quando o arqueiro firma seu tronco utilizando os músculos abdominais, glúteos e região interior das pernas. Nesta posição ele começa a armar o arco e o posicionar paralelo ao corpo; 3º *Yugamae* movimento é quando ele volta sua cabeça em direção ao alvo e situa seu campo focal, depois volta à cabeça a frente e começa a armar o arco, a flecha; 4º movimento Uchiokoshi, com a cabeça voltada para o alvo e olhando o mesmo de forma contemplativa (*monomi*) subir o arco de forma paralela ao corpo e a flecha paralela ao chão até que ela atinja a altura da cabeça, mantendo os braços com os cotovelos elevados como se estivessem abraçando uma árvore. Durante este movimento deve-se focar a energia espiritual (*kiai*) que está entre as pernas (*Sokushin*), quadril e abdômen (*Tanden*). Evitar tensionar tórax e ombros; 5º movimento Hikwake se começa a estirar o arco. Este movimento é dividido em partes: a primeira denominada de *Daisan*, o braço esquerdo é estendido em direção ao alvo enquanto o direito se flexiona a 90º mantendo a flecha paralela ao chão. A segunda após uma pausa no *daisan*, o arqueiro estende o braço esquerdo em direção ao alvo enquanto a direita é puxada fazendo um semiarco do centro da cabeça até a altura do lóbulo da orelha direita, ao mesmo tempo em que a flecha toca a bochecha do arqueiro e na terceira ele mantém o arco retesado e continua a puxar a mão direita ampliando o movimento do tronco por meio da expiração. O 6º movimento o *Kai*, mantém-se o arco retesado por um tempo por meio da expiração que faz com que o peito se expanda. Este é o momento em que ocorre uma unificação do corpo e da mente, por meio da concentração e perfeita harmonia entre a respiração, a postura, e alinhamento do seu centro espiritual que se encontra no Hara ou mais especificamente no *Tanden* com o alinhamento do arco e da flecha. Neste aspecto a técnica indica que há um alinhamento perfeito vertical e horizontal do arco em relação ao corpo e o corpo então se encontra em forma de cruz. 7º movimento, o *Hanare* é quando o arco no seu ponto de maior estiramento e o corpo no seu ponto máximo de expansão (*Nobiai*) faz com que a flecha se desprenda se solte, por meio de uma não ação. Como a corda (*Tzuru*) se distende enquanto o braço direito é empurrado pela reação para trás. Assim não é o arqueiro que a solta, mas é a flecha que parte. Este movimento repleto de

simbolismo é bastante sutil e dificilmente se o alcança como principiante. Normalmente, o principiante acaba por usar o punho para soltar a flecha. O 8º movimento, o *Zanchi* é quando o arqueiro mantém a postura, a concentração, após o disparo, mantendo o foco da energia espiritual (*kiai*) e a postura enquanto baixa o arco (*Yudaoshi*). Isto significa que sua mente e sua emoção ainda estão voltadas para a ação que foi feita. A inspiração é feita lentamente e o arco vai sendo recolhido assim como o corpo volta à posição inicial. Também no *Zanchi* se mostra o quanto das linhas paralelas horizontais se mantiveram em relação a vertical que passa pelo centro da cabeça e os meios dos pés e pelo *Tandem*.

Dois aspectos são importantes a serem ressaltados durante o *hassetzu*. O primeiro é que ele é regido pelo ritmo da respiração que diferente da respiração ocidental é feita pelo uso dos músculos abdominais, particularmente do *Hara*, músculos situados abaixo do umbigo. Esta respiração é mais lenta e profunda e diminui o ciclo de respirações por minuto. O outro é que o olhar contemplativo para o alvo significa o desenvolvimento da visão periférica que a tudo abarca não só o alvo em si (*mato*), mas também o que o envolve. A segunda é a postura e sua relação com a respiração.

Vários antropólogos Mauss (2003), Strauss (1989), Benedict (2013), Falcão e Saraiva (2009) já diziam que não há nada de natural nas posturas corporais. Elas são frutos da relação de cada sujeito com sua cultura e práticas reforçadas por diversas formas de afetividades e coerção social. As etiquetas são uma destas formas.

Como a respiração com o *Hara* faz baixar o centro de gravidade é comum se conseguir maior estabilidade corporal. Lembro que uma das formas da *Maiko* analisar se estávamos com o corpo em uma posição estável era dar um leve empurrão nos ombros para ver se facilmente desequilibrávamos ou não. Contudo, raramente este equilíbrio nas aulas era fruto de nosso domínio da respiração ou do *Hara*, mas sim de se afastar mais ou menos as pernas e os pés baixando assim o centro de gravidade.

No Japão, a palavra *Hara* se relaciona a concentração, calma e serenidade. Dominar o *Hara* é dominar seu corpo, suas emoções e estar preparado para agir dando o melhor de si e em consonância com os outros. Pode-se dizer que é vencer a ansiedade, o medo do *kokoro*. Na tradição japonesa, assim como em várias culturas tradicionais estudadas por Boas, Malinowski, há uma forte relação com entre o espírito de coletividade e a ideia de reciprocidade. De fato todo o *Kyudo* embora praticado individualmente é feito em conjunto. Assim os arqueiros se movimentam pelo *dojô* de

forma a executar uma coreografia harmônica entre o tempo de espera para executar o tiro e o tempo da execução do tiro. A movimentação entre os arqueiros é feita de tal maneira que lembra uma onda, pois enquanto um levanta para atirar os outros permanecem alinhados de joelho e à medida que uns vão chegando a determinada altura do movimento, outros começam a se levantar e preparar o tiro. Tudo é feito em completo silêncio para que os arqueiros guiem seus movimentos não só pela postura do outro, mas pelo som das cordas e das flechas quando em movimento.

Respiração, concentração, postura e ideia de grupo formam o tripé da unidade do arqueiro do Kyudo. É por isto que esta prática não se confunde com o esporte, pois o alvo, o arco e a flecha são s metonímias da difícil relação entre a corporeidade objetiva e subjetiva do indivíduo. Ou mais ainda interação entre consciente e inconsciente para o amplo e inesgotável uso das percepções e faculdades mentais. É por isto que aprender a arte do Kyudo não é uma aprendizagem da técnica do arqueirismos, mas envolve uma predisposição a busca de uma autoconhecimento que dura a vida inteira e, sobretudo, envolver esta atividade sob o mando de uma estética que almeja atingir pela performance, o belo.

A influência do Zen budismo está em toda a prática do Kyudo. Isto porque para os orientais não há como se desenvolver espiritualmente sem ser pelas práticas corporais. De todas as capacidades a compreensão do que significa disciplinar o corpo para a prática do Kyudo é praticar o caminho do zazen. O conceito de disciplina na perspectiva do Kyudo não é um adestramento ou condicionamento a um determinado comportamento, mas uma compreensão de um estado que une em uma só unidade: a pessoa, o presente e uma ação que ocorrem em total sincronia com este presente. Sem o entendimento do princípio que rege o Kyudo seu wasa (forma) e seu kata (sequência de movimento) ficam vazias e sem profundidade na execução.

Quando observo e falo sobre toda esta riqueza de detalhes penso o quanto é difícil se implementar a prática do Kyudo em locais de práticas culturais forjadas na concepção do esporte ocidental que se fundamenta em três tripés: rendimento, eficiência e resultado. Também em locais improvisados e com alta rotatividade de alunos como na realidade ocorre. Mais ainda, o quanto é difícil se pensar uma prática corporal fora dos dualismos tão arraigados no pensamento ocidental, no qual corpo e espírito foram por muitos séculos vistos de forma tão separadas. Isto explica a fala que uma das praticantes de Kyudo me deu quando perguntei sobre o que a tinha motivado a fazer o Kyudo? Apenas uma prática corporal já que ela estudou ballet e não por questões de

espiritualidade ou pelo interesse pela cultura japonesa. O Kyudo lhe pareceu atraente e diferente.

Apenas para finalizar esta primeira apresentação do Kyudo penso que é importante refletir de por que acertar o alvo não é relevante para o praticante do Kyudo?

Por que se penso que a flecha se solta do arco e voa como o resultado do domínio de cada um sobre si mesmo então onde a flecha cai é ali que ela só poderia cair, pois cada qual possui e está em determinado estado de conhecimento de si mesmo. Neste sentido não há razão nenhuma para se pensar que se a flecha não acertar o alvo é um erro. Até porque o fato de se focar o alvo não significa que se está concentrado nele. Assim como não há erro no andar de uma criança que aprende a andar. Assim a relação alvo e flecha no Kyudo não se dão em uma relação dicotômica de erro e acerto. Afinal onde começa e termina o tiro da flecha?

Três palavras merecem ser citadas como as aprendizagens efetivas e difíceis no caminho do arco: Mushim que é a integração entre mente e corpo onde há superação dos hábitos adquiridos em toda a nossa vida e tudo é visto como ilusão; Samadhim, muito semelhante ao anterior, é o estágio de intensa concentração onde se transcende os sentidos que iludem e por último o Kiai que é difícil de ser compreendido e mais difícil ainda de ser atingido que é o acesso a energia espiritual. (Roshi e Roshi, 2010).

A partir desta apresentação inicial do Kyudo passo a outra questão que muito esclarece sobre sua tradição: De que forma esta prática foi construída no Japão e porque se tornou um símbolo nacional deste país?

### **O Xintoísmo, os Samurais e o Período Meiji.**

A disciplina no Japão tinha sua fundamentação em uma total obediência da sua população ao Imperador, chamado de *tenshi* (*filhos do céu*) ou *tennô* (Rei celeste) que perdurou por muitos séculos durante a estrutura do Estado depois de 1868 pelos *genrô*, os líderes do período Meiji (Omena e Silva, 2008).

O xintoísmo considerada religião puramente japonesa tem sua prática regida pela crença que tudo que existe é repleto de divindade e por isto todas as coisas visíveis ou invisíveis estão interligadas e participam de um mesmo princípio universal. Assim todo o caminho do xintoísmo também conhecido pelos nativos como *kami-no-michi* é no sentido de integrar as coisas, desde as positivas Hare como as negativas (Ke) que compõe a fusão do Kegare e rege a vida de forma contínua. Assim a busca do xintó está

em um processo permanente de purificação do corpo e da mente. Esta integração envolve um profundo respeito a toda natureza local do qual o homem no Xintó jamais foi separado e da relação dos vários deuses com ela (deusa sol, da lua, da montanha, do mar, do vento e muitas outras, num total que varia de 800 a 8000). Neste sentido o invisível e o imaterial estão em relação com o visível e o material. E a palavra que mais identifica o xintó é o *michi* que significa caminho: seguir seu coração e viver a sua vida em retidão.

A história do xintoísmo por estar tão integrado ao Japão antigo e seu povo não podia ser separado de sua realidade política. Tanto é assim todos os antigos registros da história antiga do Japão (Yamato, terra do sol nascente) escritos por Kojiki (Arquivos das Práticas Antigas) e Nihon Shoki (Crônicas do Japão) foram produzidos por decreto imperial. Estes registros, segundo Omena e Silveira (2008) continham relatos mitológicos da criação das ilhas e do povo japonês, bem como as aventuras dos deuses nativos, *amatsukami* e *kunitsukami* dos níveis e seus descendentes, destacando-se o papel da linhagem imperial para a fundação de Yamato. Estes níveis como observado por Valério (2008) obedeciam a interesses culturais, mas, sobretudo, a objetivos “doutrinários”, resgatando os elementos que embasassem a descendência divina imperial e a legitimação do estado sacralizado.

No século IX com o declínio do poder do imperador e o deslocamento do poder político para a classe dos nobres começou entrar em ascensão as clãs dos Samurais ou *aquele que serve*. Conhecidos como leais e destemidos guerreiros eles acabaram por se estabelecer no poder entre o século XII até meados do século XVIII, quando começa então a conhecida era Meiji (1868-1912).

Os samurais surgiram primeiro como clãs ou famílias extensas de guerreiros que formavam verdadeiros exércitos que deviam obediência e proteção aos nobres, os damiôs. Estes eram donos de grandes áreas de terra, pois, o Japão até início do século XX, possuía características feudais, o que incluía milhares de camponeses, grandes latifúndios e muitas lutas por terra. Estas lutas pareciam permanentes e se transformaram em guerras civis, inclusive entre os membros das famílias por ascensão social. Em muitas destas lutas havia a participação das mulheres como arqueiras a cavalo.

Os samurais em troca desta proteção exigiam como pagamento lotes de terra. Como acabaram por desenvolver grande habilidade e conhecimento das artes marciais eles ao aumentarem seus lotes começaram a brigar entre si e puseram em risco o poder do imperador. Aos poucos estes clãs foram absorvidos dentro da estrutura política

japonesa. Um dos clãs mais famoso dos samurais que serviu ao Império foi a de Minamoto. Dentro destes clãs surge um dos maiores arqueiros entre os Samurais, Minamoto Tametomo.

Durante o período do xogunato, as classes no Japão eram: Damôs, Samurais, agricultores, artesãos e comerciantes. Em uma parte deste período após a unificação dos samurais por Tomutomo Hideoshi, os camponeses não podiam mais ter espadas que foram confiscadas e nem ser samurais, mas podiam ter terras. Os samurais por sua vez não podiam ter terras, mas podem ter duas espadas. Uma mais curta e outra mais longa. Estas insígnias lhes davam poder e prestígio e direito sobre a vida do plebeu em caso que julgasse ser desrespeitado.

Com a derrocada da Era Edo, o sistema político sai das mãos do xogunato e passa para o imperador, começa assim um processo de forte centralização e de um período que ficou conhecido como a era Meiji que em um processo de modernização do exército vai levando a classe dos samurais para o declínio e muitos deles passaram a integrar a classe de agricultores. É conveniente registrar que uma das formas dos samurais de selar alianças e manter a paz entre os clãs era trocar parentes (mães, filhos, filhas). Assim o sistema de trocas de parentes presentes em diversas culturas tradicionais também estar presente entre os samurais

Os samurais considerados destemidos em relação à morte e, por isto, grandes guerreiros deixaram como um dos legados aos japoneses um determinado estilo de vida e o Bushido (código de honra) que dizia respeito à disciplina, respeito, noção de vida individual e social. (Martins e Kanashiro, 2010). O Bushido não era um documento escrito, mas princípios que não só norteavam mais davam prestígio aos samurais. Muitos destes princípios quando desonrados ou posto a prova levavam os mesmos a prática do *seppukko* ou *haraquiri*, que se caracteriza por um suicídio ritualizado com o uso da espada fazendo cortes horizontais em sucessões da esquerda para a direita na região do Hara (abdome) lugar onde se situaria a energia vital. Depois faz mais outro corte vertical.

Com a derrocada da Era Edo, o sistema político sai das mãos do xogunato e passa para o imperador, começa assim um processo de forte centralização e de um período que ficou conhecido como a era Meiji que em um processo de modernização do exército vai levando a classe dos samurais para o declínio e muitos deles passaram a integrar a classe de agricultores. É conveniente registrar que uma das formas dos samurais de selar alianças e manter a paz entre os clãs era trocar parentes (mães, filhos,

filhas). Assim o sistema de trocas de parentes presentes em diversas culturas tradicionais também estar presente entre os samurais. Devido ao período de paz com a unificação do Japão, os samurais começaram a criar escolas de artes marciais ritualizadas. Assim a partir do século XVII, a figura do guerreiro se torna estilizada e surge como já foi falado o código do guerreiro ou a conduta diária de um samurai que resguarda a honra, lealdade e o auto sacrifício.

Três fatos caracterizaram politicamente esta época: a. O fechamento do Japão para o mundo; b. A proibição da expansão do cristianismo e c. proibição da ida dos japoneses para o exterior.

Durante o período Meiji no qual o Japão sofre um enorme processo de mudança e melhorias, surge o Xintó de Estado *Jinja-Xinto*, como religião oficial, e algumas divisões como o Xintó-Popular, *Minkan-Xinto*, mais espontâneo, o Xintó-Acadêmico, *Fukko-Xinto*, o Xintó da Casa Imperial, *Koxitsu-Xinto*, e o Xintó das Seitas, *Kyoha-Xinto*, que chegou a abranger 160 seitas.

Apesar da forte influência do budismo, principalmente devido o apoio do príncipe Shotoku (573-621), o xintoísmo acabou por absorvê-la e vice-versa, ocorrendo o Ryobu-Xinto ou Xintó de duas faces, segundo Valério (2008). Isto perdurou mais fortemente até o século XVIII.

Segundo este autor, o povo japonês apresenta uma notável capacidade de absorver o novo sem abandonar as tradições. Isto até hoje perdura ao observarmos os grandes avanços tecnológicos e sociais do Japão ao mesmo tempo em que preserva ao máximo em sua forma mais tradicional o próprio Kyudo.

Em 1868, sob um novo Xogunato, proveniente da casta dos samurais os *genrôs*, exige que o imperador utilize de instrumentos de convencimentos sociais fortes para mostrar seu poder sobre o povo. Um destes instrumentos foi à revalorização do Xintoísmo que associava a linhagem da família real à descendência direta de *Amaterasu* (deusa do sol). Esta associação entre a família real e a divindade solar era importante devido à cultura japonesa à época ser predominantemente relacionada à agricultura. Junto a isto ocorreu um forte espírito nacionalista que protegesse contra a ameaça estrangeira. Um dos instrumentos utilizados foi dar ao xintoísmo um caráter mais patriótico e totalmente identificado com a própria cultura japonesa. A identificação do povo japonês com o soberano estava respaldada na adoração ao imperador, nos valores e na disciplina dos guerreiros samurais e na veneração ao Estado. (Valério, 2008) e (Omena e Silva, 2008).



Isto explica na prática do Kyudo na tradição do xintó a saudação inicial se volta para a nascente e no Kamisa no dojô, os símbolos que ali se encontram falam sobre o respeito à pátria, ao conhecimento e a uma figura sacramentada. No caso do Kyudo de João Pessoa, o símbolo utilizado é a respeito da pátria é pequena bandeira da Paraíba.

Neste trabalho não me interessa discorrer de como se dá esta intrincada relação entre o imperador e seus súditos, mas é necessário que haja o consentimento e o reconhecimento de uma legalidade e legitimidade de quem e para quem o soberano governa. Assim, quanto mais elementos míticos e ritualísticos envolveram a figura do soberano mais ele ocupou espaço no imaginário de seu povo ampliado nos espectros projetados nos simbolismo. Como eficácia introjetou-se como elementos culturais os dois valores que vão ser as características mais marcantes na relação entre religião e política neste período: lealdade e patriotismo. Daí, porque, no Japão, os vestiários, as etiquetas, enfim as formalidades, marcadas de sobremaneira na linguagem eram e ainda são respeitadas. Esta questão foi tratada na clássica obra Bushidô de Inazo Nitobe- the Soul of Japan em 1900. No sentido do aprofundamento desta questão cito o trabalho de Omena e Silva (2008), que faz uma interessante associação com base em Balandier (1982), sobre a relação entre a teatralização e a política. Também há uma reflexão sobre o Bushidô em Nunes (2011) mostrando como este se apropriou de uma série de valores cristãos com a cultura japonesa com o intuito de viabilizar a aproximação cultural entre ocidental e Japão e a influência do pensamento evolucionista de Spencer, Carlyle e de Burke na construção de uma identidade nacional japonesa inspirada na figura heróica dos Samurais.

O exercício do governo era praticado por dois departamentos: Um era o departamento do Estado e o outro da religião (o Jigikan) que posteriormente em 1891 virou um ministério da religião (Jingishô). A partir do trabalho centralizador da fiscalização de ritos e sacerdotes, do ensino moral nas escolas e financiamento dos santuários este órgão fortaleceu o xintó ao mesmo tempo que começaram a confiscar terras pertencentes aos templos budistas. Em 1872, o Jinshô foi incorporado sem perder sua relevância no ministério da educação (Kyobushô). A partir daí houve uma série de outras mudanças em 1887 e 1900, mas nenhuma diminuiu o papel que o xintoísmo tinha dentro da estruturação política do Japão.

Quando Benedict (1972) analisa a cultura japonesa ela vai situar o papel primordial que a família tem dentro da tradição cultural local. A família e suas relações internas eram realmente valorizadas no sentido de garantir a obediência à família real,

particularmente à figura do imperador construída como o pai-sagrado. Omena e Silva citam que:

“A estrutura familiar e os relacionamentos familiares eram vistos como cruciais para as relações de autoridade no Estado”. Os oligarcas *Meiji* vislumbravam o sistema hierárquico familiar e reforçava os laços das pessoas comuns com a Casa Imperial. Juntamente com o culto dos antepassados eles exerceriam um papel importante na hierarquia social e possibilitava uma identificação da consciência coletiva associada à nação de uma “grande família”. (Omena e Silva, 2008, p.7).

Está então presente a concepção mítica que toda a felicidade só pode ser alcançada pela obediência a este pai. Como analisado por Benedict (2007) está aí o conceito japonês de *geri* que se vincula a toda espécie de obrigações ou reverências e aos tipos de rituais que vão garantir esta hierarquização, ordem e disciplina. Esta fidelidade está caracterizada no termo *Chu* que não contém nem uma temporalidade e nem uma corporeidade. Assim tanto o direito a vida como da morte do súdito depende da vontade sábia do imperador. É por isto que no Japão, o respeito aos pais como bem colocou Watanabe (2016) na entrevista que me concedeu, era um valor inquestionável. E até hoje o é, em que pese como diz ela: ter filhos batendo nos pais.

No Kyudo esta demarcação ritualizada e simbólica se dá na forma como os kyudoka são alinhados no dojô. Quanto mais graduado mais ele se coloca próxima ao Kamisa. Mais a esquerda ou à direita.

Hoje em dia, o xintoísmo não tem caráter de religião oficial e segue uma convivência harmônica com o Japão. Pela própria tradição xintoísta e preciso integrar o diferente e por isto é difícil à expansão de religiões fundamentalistas como o cristianismo e o islamismo. De acordo com os estudos de Valério (2008), novas seitas características xintoístas têm surgido recentemente sendo muito comumente iniciadas por líderes locais que obtêm "revelações" através de experiências transcendentais e muitas delas são mulheres. A Sech-no-Ie foi fundada em 1930, por Masaharu Taniguchi e hoje tem milhares de seguidores espalhados pelo mundo, inclusive em João Pessoa onde se tem um templo no centro da cidade.

A relação entre a prática do zazen e os Samurais também é importante de se refletida. De acordo com Kushner (1988), no século XIII, quando o zen foi introduzido no Japão, vindo da China foi adotado pelos Samurais em Kamakura. Eles o praticavam para aprender o desapego e diminuir com isto o medo da morte e aumentar sua

concentração durante as lutas. O ensino do Zen é uma forma de se libertar do ego e no caso do Kyudo é voltar à flecha em nossa direção.

Os samurais praticavam o Bugei Ju-Happan que incluía habilidade em 18 artes marciais: entre elas estava arco-flecha, a espada, arco-flecha a cavalo, kendo e uma das mais importantes o iaidô, a alma do samurai que possui características de trabalho de concentração e autodisciplina e confiança semelhante a do Kyudo. Mas naquela época era aprendida para melhorar a capacidade de matar o inimigo.

### **Cerimoniais, equipamentos, vestuário e o Kyudo**

A beleza do cerimonial do Kyudo está na harmônica coordenação de todos os arqueiros e em seus precisos movimentos dentro do Dojo. Isto não ocorre sem seguir uma solene tradição com forte influência do xintoísmo e do zen-budismo e a valorização do movimento coletivo.

O primeiro aspecto das tradições das cerimônias japonesas está à busca da purificação que envolve corpo e espírito. Isto inclui todo o cuidado e a elegância dos trajes usados. Por exemplo, ao se colocar o quimono, o lado esquerdo que representa o homem deve se sobrepor ao direito que representa a morte. Também nas dobraduras das calças estão simbolizadas as virtudes, tais como: pureza, respeito, lealdade, sinceridade e honestidade. Elas, portanto, não podem estar escondidas ou serem manuseadas de qualquer forma. A busca de se manter um coração claro e puro, a compreensão de que estas virtudes são fundamentais para aproximar o espírito do divino faz com que na cultura japonesa como citou Watabe (2016) não se aceita em hipótese nenhuma a trapaça, a tentativa de enganar e pior ainda o de mentir.

De modo geral, o elemento purificador é a água. Lavar as mãos e a boca. Na época dos samurais, antes dos combates, alguns se purificavam com essa água, vertendo-a também na lâmina de suas espadas. Entre os elementos de impurezas estavam, uso de piercings, tatuagens ou perfurações na pele. O corpo então teria que ser puro e sem máculas. (Kaneoya, p. 23).

No caso do Kyudo o elemento purificador seria o respeito ao dojô, sua limpeza, a higiene pessoal, a impecabilidade do vestuário e a mente pronta para a prática. Quanto aos piercings ou tatuagens, não saberia dizer no momento se esta tradição persiste em

algum lugar do Japão, mas pelo menos em João Pessoa quase todos os alunos possuem algum tipo de tatuagem, inclusive o senpai e não vejo que isto seja um problema que seja considerado, pois o cuidado passa a ser com a limpeza do dojô e do vestuário e o respeito entre todos que estão no grupo e em seu entorno, como os funcionários da Unipê, os que assistem. Quanto ao vestuário ainda não alcança os praticantes porque a maioria não usa o traje adequado e somente neste ano isto passou a ser uma busca do grupo. Já os senpai usam o vestuário, e buscam mantê-los impecáveis, mas os custos e as condições das práticas nem sempre permite todo o cuidado. Também só são elementos de proibição de uso os ornamentos que podem provocar lesões no Kyudoka, como por exemplo, relógios, pulseiras, anéis, brincos longos e outros.

A língua japonesa possui em sua estrutura a meu ver pelo menos três aspectos que reforçam a identidade japonesa construída na disciplina, no respeito e forma cerimoniosa de tratamento que existem em quatro formas diferentes e na diferenciação entre gêneros já que existem palavras que só devem ser usadas pelas mulheres e outras mais pelos homens. Kaneyoa (p.23) cita Wenceslau:

Na língua japonesa não existem palavras insultuosas, obscenas; o termo mais rude que um japonês pode proferir é *baka*, imbecil. A gramática nipônica faz-nos lembrar duma corte atarefada, meticulosa, na qual os cortesãos em chusma - substantivos, adjetivos, advérbios, verbos, posposições e todo o resto - palpitam, rodopiam incessantemente em mesuras, em cortesias, em requebros, em reverências, seguindo regras de precedência da mais complicada pragmática imaginável, ou antes inimaginável...[...]

Como o xintoísmo não despreza os bens materiais o cuidado com estes bens e a busca destes está presentes bens. No caso do Kyudo, o cuidado com os arcos e flechas tanto na hora de armar como na hora de guardar fazem parte do ritual da aula e tem que ser aprendido de forma meticulosa pelos alunos.

Esta questão ganha um relevo especial em Joao Pessoa devido ao pouco material já disponível e seu uso de forma coletiva. Assim foi instituído uma vez por mês um dia para a manutenção do material e mesmo confecção de outros, como por exemplo, o protetor de seio das mulheres ou mesmo fazer um matô (alvo).

O Kyudo está presente dentro de uma cerimônia chamada Matsuri. O Matsuri em seu início era uma cerimônia simples onde os homens do clã pediam aos deuses uma boa colheita. Nesta cerimônia que era feita a noite em um bosque ou montanha, o momento mais importante era quando o líder espiritual dançava vestido de mulher em

transe e pronunciava palavras invocando os deuses. Posteriormente esta cerimonia incorporou uma série de outras atividades, inclusive o Kyudo, turfe, e o Yabusame (arqueirismo montado) e o Sumô e envolvia toda a aldeia. É importante lembrar como bem colocou Kaneoya que o chefe da comunidade era o representante temporal e espiritual e que todos deviam obediência a ele e ao imperador pela linhagem divina.

Nas colônias japonesas espalhadas no Brasil seguindo a tradição japonesa são comuns as comunidades se reunirem nas festas de: Bon Odori é uma festa que ocorre anualmente durante o verão e tem raízes na tradição budista chinesa. O undokai (dia de esporte ou campo) é um evento também anual onde por meio de atividades esportivas várias gerações (idosos a crianças) compartilham de jogos de corrida em duplas, em grupos: as corridas tendem a envolver uma série de habilidades como conseguir descascar uma laranja sem quebrar a casca durante a corrida. Corrida em que grupos são presos uns aos outros e tem que se deslocam juntos em forma de trenzinhos e muitas outras. De acordo com Matzunaga (2016) o objetivo era manter a coesão do grupo e da coletividade de forma festiva e alegre. A estes momentos que ela recorda em sua cidade de Tupã em S.Paulo havia sempre comidas e bebidas típicas, além de muitas frutas já que muitos dos japoneses que aqui vieram mantiveram suas atividades como agricultores. Há também a Haru Matsuri e Hana Matsuri, festa da primavera e das flores. No Japão as floradas dos pessegueiros e mais ainda das cerejeiras são bastante valorizadas e cultuadas.

Em Recife em que a associação japonesa tem uma longa tradição há sempre uma realização destes jogos em forma de gincana em que convidam a participar os membros da associação japonesa de João Pessoa, já que nesta cidade não há este tipo de eventos.

Em João Pessoa a Associação Cultural Brasil-Japão fundada em 2004 promove uma série de atividades permanentes em sua sede entre elas, o taiko (tambor), ikebana, origami e uma vez por ano realiza um festival que busca congregar os Issei (japonês imigrante de João Pessoa), os Nissei (2ª geração, filhos de japoneses) e os Sansei (3ª geração, netos de japoneses), e a população pessoense. Neste festival, as artes marciais e o Kyudo desde 2014 estão presentes e ocorrem exposições, músicas japonesas e brasileiras, além de pratos típicos e em 2015 houve a apresentação dos quimonos japoneses.

Outra cerimônia importante para o Kyudo é o do *sharei*. Este é um ritual que ocorre em local aberto e com as roupas típicas e todas as normas de etiqueta. Reproduzo aqui a bela descrição de Kushner sobre esta experiência coletiva do Kiai.

À medida que eu observava seus movimentos lentos e cuidadosos, comecei a sentir uma paz cada vez maior. Todas as coisas que estavam à minha volta pareceram-me cristalinamente claras; senti como se pudesse ter uma visão de 180°. Minha respiração tornou-se mais lenta e profunda e passei a executá-la no mesmo ritmo que ele. Eu estava adquirindo o estado mental de Onuma Sensei ou em outras palavras, incorporando o seu kiai. (Kushner, 2008, p.117)

Em 2008, em São Paulo durante o seminário de Nippon Budokan ocorreu um evento semelhante chamado Hitotsumato sharei quando seis mestres de alto Dan. (7° e 6°) atiram suas flechas. Todos os movimentos são precisamente sincronizados e os arqueiros agem como dançarinos executando uma peça.

Enfim, a tradição japonesa das cerimônias e do Kyudo se constrói na valorização de um coletivo disciplinado e no controle do grupo e isto tudo é mantido por meio de atividades que congreguem esta possível confraternização que tem seu papel de coesão e também de coerção do grupo.

Quanto ao vestuário e os equipamentos. Todos eles devem ser cuidados no início da aula e no final. O cuidar correto está associado à compressão do *Ri* e o descuido, negligência ou preguiça está associada ao *Muri*. Em algumas partes da vestimenta estão presentes diferenças de gênero. A vestimenta de modo geral é composta por: obi é uma cinta que vai estar por baixo da Hakama. Hakama é a calça que difere do homem para o da mulher porque na primeira existe nas costas uma lapela e o nó que a amarra é feito a frente e a descoberto. Na mulher não existe a lapela e o nó é feito escondendo-o. Nas calças existem pregas vincadas e cada uma delas representam virtudes: integridade (Gi), respeito (Rei), coragem (yu), honra (meyo), compaixão (jin), sinceridade (nakoto) e lealdade (Chu). Apoiar o arco de maneira imprópria nas dobras ou deixar os vincos de qualquer forma representa praticar o *Muri*. Tanto é que existe uma maneira especial de se dobra-lo que hoje é ensinada via internet. O quimono é chamado Keiko-gi ou Dogi. Nas cerimônias, de modo geral, as mulheres usam alguns quimonos bem elegantes e floridos. Kyudo gi é uma blusa normalmente branca. No homem tem uma abertura debaixo do braço e a manga do braço esquerdo que segura à flecha é abaixado deixando uma parte do dorso exposto, Já nas mulheres não existe esta abertura debaixo do braço e

durante uma apresentação ou mesmo nas aulas usa-se o Muneate, um protetor de tórax. Tabi é uma espécie de meia que possui uma abertura entre o dedão e os outros dedos se que ajuda o arqueiro na sua movimentação no dojô que diferente do nosso adaptado ao da ginástica artística, é feito de madeira. E setta que é uma espécie de sapatilha ou tamanquinho ou sandália japonesa.

Comparada com a beleza do vestuário do guerreiro samurai, o traje do Kyudo é relativamente simples o que não impede de manter o sentido estético do belo em sua imponência, respeito e elegância. A estética esta presente em todas as artes tradicionais japonesas. Os trajes dos guerreiros samurais eram feitos de couros costurados com seda. Para se ter uma ideia da importância desta vestimenta elas eram feitas em media com 250 m de seda e 3000 peças de couro envernizados para evitar umidade. As armaduras em feitas em camadas e por serem leves não impediam a movimentação do arqueiro a cavalo ou a pé. Elas tentavam glorificar o momento da morte, mas também davam muita beleza e esplendor a vitória.

No caso dos equipamentos vão ser fundamentais para a prática os cuidados com o arco (yumi), a flecha (ya), as luvas (Yugake) para a mão direita que podem ser de três (mitsugake) ou todos os dedos (morogake) e a corda (tsuro). Todos estes materiais são no nosso caso em sacos de pano que possuem na ponta um laço que ajuda identificar de lado deve se colocar o arco em pé. Cada saco tem uma cor que ajuda também a saber o tamanho de cada arco. Após cada arco ser guardado no respectivo saco eles são colocados dentro de um protetor de plástico onde cabem todos os arcos juntos. Como os arcos de madeira, particularmente, os de bambu sofrem deformações devido a temperatura é importante mantê-los em lugar que esta variação seja mínima. No caso das cordas, elas devem ser retiradas do arco e guardadas enroladas no Tsurumaki. Como aqui o grupo não possui Tsurumak para todas as cordas elas permanecem presas por uma ponta ao arco e enroladas no mesmo dentro dos sacos. Já as flechas normalmente são guardadas no Yasutsu e no caso daqui se guarda em uma caixa grande de papelão. As luvas (yugake) que só se tem duas do tipo de três dedos (mitsugake) e de tamanhos diferentes são preciosamente guardadas em saquinhos, pois, são feitas de couro de veado e com o próprio uso vão se desgastando.

A despeito de todas as dificuldades para se fazer a manutenção do material e apesar de ser de uso coletivo, todos Kyudoka de João Pessoa se empenham em guarda-

los com muito cuidado. O senpai acaba por ficar responsável por guardá-los em sua casa e os leva para as aulas. No caso das flechas, o maior cuidado em guardar está com as penas para não amassá-las e modificar assim a estrutura desta o que influenciará em muito a sustentação da flecha a longa distância. As flechas usadas no Makiwara não têm penas, pois, a distância entre o alvo e o atirador é mínima. Por que descrevi estes detalhes? Porque eles fazem parte e compõem diariamente as aulas do Kyudo e compõem um ritual como é o caso de por e retirar o Yugake. Esta depois de colocada não pode tocar mais em nada a não ser no arco e na flecha. Sua colocação é feita em posição de joelhos e de preferência elas não devem tocar o chão.

A negligência ou o descaso com os materiais são vistos como *Mari*, ou seja, como oposição ao caminho correto a ser percorrido, além de por, também, em risco não só o praticante, mas quem está no entorno. As cordas do arco quando tensionadas em seu ponto máximo ao se soltar e bater no corpo produz ferimentos e deixa lesões. Um arco sem manutenção pode quebrar e ferir o arqueiro.

### **Considerações Finais**

Ao descrever uma série de etiquetas, ritos e cerimônias que compõem a prática cotidiana do Kyudo se percebem o porquê os mestres japoneses que a praticam não a consideram um esporte. Entretanto, à medida que esta arte começa a avançar entre os países ocidentais, como é o caso do Brasil percebe-se que muitas vezes sua prática se confunde com a de qualquer modalidade esportiva e vários de seus aspectos espirituais e da forma ficam em segundo plano em detrimento a técnica e a eficiência para acertar o alvo.

Para manter unificada a arte do Kyudo foi criada em 1953, no Japão, a Federação Nacional de Kyudo (ANFK). Mas existem muitos grupos que a praticam em suas vertentes mais tradicionais e não se filiaram a ela.

Em 2009 foi criada a Federação Internacional do Kyudo (IKNF) que é composta por pelo menos 18 filiadas espalhadas pelo mundo. Esta federação reconhece pequenos grupos de praticantes, como no Brasil e outros países da América Latina embora estes não pertençam a IKYF.



Em 2008 foi criado no Brasil a Associação Brasileira de Kyudo (BKK) com sede no Rio de Janeiro. Ela segue orientação da Federação do Kyudo dos EUA (AKR) sob orientação de sua presidente Yoshiko Bushnam.

Os caminhos traçados pelas criações, regulamentações já mostram o quanto hoje, a uma enorme rede de trocas de influências entre os praticantes de Kyudo no mundo e o cuidado que se tem em não transformar as gradações em uma espécie de corrida para prestígio.

Parece-me assim que a condução pelos sensei nestes primeiros centros de prática do Kyudo no Brasil ajuda a melhor definir para o praticante as diferenças de conduta, postura e etiquetas. Se desde o início valorizar mais a forma do que o resultado ao longo de certo tempo os alunos começam a perceber a diferença entre a prática do arqueirismo esportivo e do Kyudo. “Se por outro lado privilegiarem a busca de resultados para galgarem novos ‘Dan’ será difícil compreender o significado de se cuidar com tanto detalhes de um hakama, aprender a regular a tensão da corda ou mesmo o papel do silêncio e da meditação nas aulas. O que parece apenas uma simples escolha de valores remete a uma longa, complexa e rica discussão sobre as dinâmicas culturais de cada povo e sua disseminação em outras culturas em realidades totalmente diferentes como parece ser o nosso caso.

Quando olho para os estudos sobre o Kyudo o que eles me apontam é para uma prática tradicional japonesa que não se distancia em sua totalidade das práticas culturais de outros povos melanésios ou mesmo entre os indígenas brasileiros quando associam as guerras, a espiritualidade, cerimônias, regras, etiquetas, ritual e estética. O que difere das outras foi à incorporação destas como uma identidade que se no primeiro momento se achava necessário superá-la em nome de uma modernidade que, hoje, de alguma forma, volta a se revitalizada e vinculada à vida cotidiana dos japoneses, a começar por sua inclusão nos currículos escolares tendo muito de suas práticas corporais associadas aos hábitos cotidianos, como por exemplo, as posturas de ficar de joelhos, sentar com as pernas cruzadas, as reverências e outras.

Não refuto realçar que à medida que estudo o Kyudo, mas me aproximo das reflexões sobre a história do nosso próprio arqueirismo desenvolvido com riquíssimas diversidades de sentidos e simbologia, com seus códigos de guerra e honra, além de

refinada beleza e precisa técnica entre quase todas nossas etnias indígenas. Estes, porém diferente dos samurais japoneses lutam, até hoje, para de fato serem reconhecidos como formadores de nossa identidade nacional e terem sua cultura material e imaterial reconhecida fora dos grupos de estudiosos e da perspectiva do consumo artesanal.

Algumas questões não analisadas ou refletidas neste texto merecem mais atenção em outro momento e mesmo um estudo mais profundo como a questão da honra. Outra é a forma como os arcos, as flechas e as vestimentas eram produzidas em uma enorme quantidade com uma regular qualidade e sofisticação. Esta arte ainda até hoje tem espaço dentro do Japão moderno. Em Tóquio, há bairros que continuam a fazer as flechas tais como nas épocas do samurai. O mesmo é possível se ver para as espadas, arcos e outros instrumentos. Isto me faz pensar de qual importância estes objetos tiveram para a economia e trocas na época dos Samurais e como eles, hoje, são comercializados e vendidos enquanto um produto esportivo. Também como determinados objetos ajudam a construir a identidade de um povo e que se perpetua mesmo quando proibidos por um tempo como foi o caso do Kyudo no Japão e de maneira similar a prática da capoeira no Brasil.

No Brasil, grande parte dos materiais usados no Kyudo chegou como doação japonesa, como foi o caso de João Pessoa. A falta de lojas especializadas neste tipo de atividade faz com que quase tudo seja importado o que encarece a prática. Esta questão está associada ao perfil dos praticantes em João Pessoa. Quem são os praticantes desta arte no Brasil e em João Pessoa? Estas pessoas, de modo geral, são praticantes ou foram de alguma modalidade esportiva, como meu caso. Estes esportes ou mesmo o ballet incorporam uma série de aspectos que aparentemente como a disciplina se assemelha as do Kyudo, o que só a prática demonstra ao contrário.

Parece assim que a aceitação do Kyudo no ocidente passa por uma série de organizações ou federações que lhes dão uma estrutura muito próxima aos outros esportes, ao mesmo tempo em que são exigidos rigorosos pré-requisitos que vão além dos aspectos de domínio técnico. Ao mesmo tempo com o aumento do interesse do mercado e de novos adeptos, além de um grande número de informações sobre esta prática estar na internet reflito o que de fato o conceito “tradicional” carrega enquanto valor identitário e se o caminho de autoconhecimento ainda é um princípio para seus praticantes. Até que ponto a falta de uma estrutura adequada para a prática interfere

nesta sutil percepção das diferenças entre esporte de arqueirismos e arte do arqueirismos?

Acompanhar o esforço de Maiko e particularmente dos sempai de João Pessoa que de forma despojadas dedicaram e ainda dedicam a trazer adeptos e torná-los integrantes deste grupo, me foi revelador porque presenciei um sentido inteiramente novo para o conceito de disciplina, respeito e sinceridade. Estes sempai se mostraram incansáveis na tentativa de ampliar, organizar, buscar novos conhecimentos. Neste ano o grupo de João Pessoa foi oficialmente reconhecido enquanto tal e isto por si já aponta senão o aumento quantitativo do grupo pelo menos para o seu aumento qualitativo.

As respostas as minhas indagações se é que as terei, só poderão surgir à medida que a pesquisa continuar e o trabalho de campo me apontar para qual lugar à flecha que se soltou de arco se dirigiu. Creio que mesmo assim terei mais perguntas do que respostas e parece ser este o Kyudo do pesquisador.

#### **Referência Bibliográfica:**

Benedict, Ruth. **A espada e o Crisântemo**. S.Paulo, Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_.Padrões Culturais. Petrópolis. 3ª edição. Ed.Vozes. 2013

Falcão, José Luiz Cirqueira e Saraiva, Maria do Carmo (Org). Práticas corporais no contexto contemporâneo: In(tensas) experiências. Florianópolis.Copiar. 2009

Federação Japonesa de Kyudo. **A.N.K.F.Manual do Kyudo**. Princípios do tiro (shaho). 2010/11.

Gengini, Luigi. **Kyudo, The way of the bow. The art of shooting the traditional Japanese Bow accordin to Heki Insai Ha School**. Techncal Manual. 1994, disponível em [www.shuitsukankyudojo.de/publications/downloads/manual.pdf](http://www.shuitsukankyudojo.de/publications/downloads/manual.pdf) e acessado em maio de 2016.

Kaneoya, Iochiko. **Xintoísmo: mitologia e influência na formação da cultura e do caráter do povo japonês**. In [www.nipocultura.com.br](http://www.nipocultura.com.br), 2013.

Kushner, Kenneth. **O arqueiro zen e a arte de viver, uma flecha, uma vida**. São Paulo.Editora Pensamento, 1988.

Levi-strauss, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Capítulo 1. Campinas. Papyrus. 1989.

\_\_\_\_\_A eficácia simbólica. In: Antropologia estrutural. Rio de Janeiro. Tempo brasileiro.

Malinowsky, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo. Abril Cultural, 1984.

Martins, Carlos José e Kanashiro, Cláudia. **Bujutsu, Budô, esportes de lutas**. In: Revista Motriz, Rio Claro, v.16, nº 3, p. 638-648. Jul/set. 2010.

Mauss, Marcel. **Técnicas Corporais. Sociologia e Antropologia**. S.Paulo: Cosac & Naif, 2003.

Nunes, Gabriel Pinto. **Uma sucinta exposição da noção de honra no Bushidô de Nitobe**. Revista Estudos Japoneses, nº 33, p.22-34 2013. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. SP.

\_\_\_\_\_ **A Ética Samurai e a construção de uma Nação: a apresentação da Ética Oriental Moderna na obra de Inazo Nitobe**. Anais do VII Seminário de Filosofia em pós-graduação da Unversidade Federal de São Carlos, 2011

Omena, Luciane Munhoz e Silva, Altino Silveira. **O Estado Meiji e a religião shintô**. Revista Nures, nº 9, maio/set 2008. Núcleo de Estudos Religião e Sociedade PUC-SP.

Oliveira, Regis Gomes de e Abdala, Raquel Duarte. **Os Guerreiros da Honra: Bushidô, o código dos Samurais**. Universidade de Taubaté. Trabalho apresentado no 21º Simpósio Internacional de Iniciação Científica.

Roshi, Jitsudo Tsuha e Kushner Roshi, Keneth Setsuzan. **Zen Kyudo**. Honolulu. Hawai. 2010.

Xr, Marcus Valério. Xintoísmo e a identidade cultural do japão. Universidade de Brasília (UnB). Departamento de filosofia. Pós-graduação Disciplina Filosofia comparada ocidente e oriente. Prof.Dr. Scott Randall Paine. Publicado em junho de 2008. Disponível em [www.xr.pro.br/MONOGRAFIAS/Xintoismo.HTML](http://www.xr.pro.br/MONOGRAFIAS/Xintoismo.HTML) acessado em maio de 2016. \_\_\_\_\_ **Xintoísmo a religião japonesa**. Universidade de Brasília (UnB). Departamento de Letras/Cultura Japonesa. Jun/julho de 1999.

. **Entrevistas** Takako Watanabe, abril/2016. Presidente da Associação Brasil-Japão da Paraíba (ACBJ). Tereza Mitzunaga, uma das fundadoras da ACBJ. Kyudoca, praticante desde 2013

